

Centro de Ensino Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Curso de Letras

**O ENSINO DA GRAMÁTICA: UMA PROPOSTA DE
REFORMULAÇÃO**

Jaqueline Alvarenga Carneiro
Brasília, dezembro de 2005.

Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Curso de Letras

O ENSINO DA GRAMÁTICA: UMA PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, tendo como Professor-Orientador Maria Catharina Pires-de-Mello

Brasília, dezembro de 2005.

À minha mãe Joanir pelo eterno incentivo.

Agradeço aos meus professores de Lingüística e de Língua Portuguesa do UniCEUB, aos meus familiares e colegas de Faculdade, em especial à minha amiga Renata com quem pude compartilhar opiniões e idéias fundamentais para a produção deste trabalho.

Aula de Português

*A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender*

*A linguagem
na superfície estrelada de estrelas,
sabe lá o que ela quer dizer?*

*Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.*

*Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.
O português são dois; o outro, mistério.*

*Carlos Drummond de Andrade
(1988:646-647)*

RESUMO

Com base em modernas proposições relativas ao ensino da Gramática Normativa, o presente estudo registra uma leitura crítica do modelo tradicional adotado pelos professores para lecionar essa disciplina. Na primeira parte do trabalho é feita uma fundamentação teórica com auxílio das opiniões dos principais autores que defendem em suas obras a existência de uma reformulação da metodologia utilizada atualmente nas aulas de Língua Portuguesa. No segundo capítulo, os conceitos teóricos selecionados para este estudo são avaliados na prática por meio de uma pesquisa de campo realizada com estudantes do ensino médio. Constatado estatisticamente a existência do problema, é finalmente sugerida uma reestruturação baseada na proposta do gramático Mário A. Perini o que, após detectar os principais defeitos da disciplina, indica o melhor caminho a ser seguido na busca da solução do problema.

Palavras-chave: Ensino da gramática, Lingüística.

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo 1 - A necessidade de uma reformulação no ensino da gramática	09
Capítulo 2 - A realidade prática do ensino da gramática – uma pesquisa de campo	18
Capítulo 3 - Uma proposta de reformulação segundo Mário A. Perini	38
Considerações Finais	44
Referências	46
Anexo	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi inspirado na obra do gramático Mário A. Perini *Sofrendo a Gramática*. Como o próprio título sugere, o livro baseia-se na necessidade de uma reformulação na forma em que a gramática tem sido ensinada nas escolas.

Além disso, foram utilizadas como suporte as teorias dos lingüistas Sírio Possenti, Luiz Carlos de Assis Rocha e Marcos Bagno, que abordaram o mesmo assunto em suas obras: *Por que (não) ensinar Gramática na escola*; *Gramática Nunca Mais – O ensino da Língua Padrão sem o estudo da gramática e Preconceito Lingüístico*, respectivamente.

Para comprovar as teorias apresentadas por estes autores, foi feita uma pesquisa de campo com alunos do ensino médio, que puderam revelar a realidade do tema por meio de um questionário com questões relativas ao assunto.

Pretende-se ainda, nesta pesquisa, confrontar os conceitos teóricos relativos ao assunto e a realidade prática do tema na opinião dos estudantes, além de sugerir mudanças no ensino da gramática a partir das principais falhas encontradas.

Capítulo 1

A necessidade de uma reformulação no ensino da gramática

Uma das funções da escola é possibilitar ao aluno o domínio da língua portuguesa de acordo com as normas estabelecidas pela Gramática Normativa. Porém, percebe-se que o que deveria ser um exercício de adequação verbal às necessidades sociais para que o aluno se tornasse um competente usuário da língua falada e escrita, tem sido, na verdade, uma disciplina repleta de normas ilógicas, incoerentes e muitas já em desuso total pelos falantes da língua.

Como veremos a seguir, vários gramáticos e lingüistas preocupados com a situação descrita, têm trabalhado esse tema na busca de uma melhoria no ensino da gramática e, acima de tudo, no intuito de diminuir os preconceitos que giram em torno da língua e que, por sua vez a desvalorizam como um fator de identidade cultural.

Mário A. Perini trata especificamente desse assunto em *Sofrendo a Gramática* (1997). Para o autor, o crescente desinteresse dos alunos se dá principalmente pela postura adotada pelos profissionais da área para lecionar essa disciplina; afirma ainda, que a maior dificuldade encontrada pelos discentes está

na distância existente entre o repertório lingüístico falado no Brasil e as normas exigidas na escrita. Essas diferenças justificam a necessidade de uma maior aproximação entre a língua falada e a língua escrita por meio de uma reformulação do ensino da gramática partindo de suas principais deficiências.

Para o gramático (op. cit, p.54), problemas relacionados à falta de lógica em suas definições, objetivos mal colocados e metodologia inadequada são responsáveis pela a aversão generalizada que os alunos têm à essa disciplina e que algo precisa ser feito a fim de que a matéria seja resgatada de sua situação atual,.

“Como foi que a nossa matéria chegou a esse ponto? Sinceramente, não sei dizer; mas é urgente resgatá-la do poço. Ou seja, nós que somos os amigos, precisamos nos conscientizar dos problemas da gramática, antes que os inimigos o façam.”

Em uma outra abordagem – a sociolingüística - o lingüista Marcos Bagno, em *Preconceito Lingüístico* (2002) expõe oito afirmações falaciosas que existem no Brasil em torno da Língua Portuguesa. Declarações como “Português é muito difícil” e “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” fazem parte da mitologia do preconceito lingüístico que o autor se propõe a derrubar. Bagno afirma nessa obra que os gramáticos tradicionalistas tratam a língua como uma coisa morta, focando todo seu trabalho em regras ilógicas para o falante, o que

dificulta o aprendizado da norma padrão e favorece a criação de preconceitos. Segundo o autor, a língua precisa ser respeitada e tratada de forma coerente em seu ensino a fim de que este não se torne objeto de repressão aos falantes. Essa exposição pode ser resumida pelo fragmento abaixo retirada da obra em referência, (op. cit, p.38)

“Por isso tantas pessoas terminam seus estudos, depois de onze anos de ensino fundamental e médio, sentindo-se incompetentes para redigir o que quer que seja. E não é à toa: se durante todos esses anos os professores tivessem chamado a atenção dos alunos para o que é realmente interessante e importante, se tivessem desenvolvido as habilidades de expressão dos alunos, em vez de entupir suas aulas com regras ilógicas e nomenclaturas incoerentes, as pessoas sentiriam muito mais confiança e prazer no momento de usar os recursos de seu idioma, que afinal é um instrumento maravilhoso e que pertence a todos.”
(grifo meu)

É importante observar nessa passagem de Bagno sua preocupação com a falta de confiança do aluno em relação à sua língua materna ao deparar-se com tantas normas impostas como pré-requisito para se falar e escrever bem. Esse resultado torna o falante inseguro na hora de se expressar e desmotivado a compreender os fenômenos lingüísticos de seu idioma.

Para esses autores, o aprendizado da língua deveria ser um processo de resultado satisfatório e de fácil aquisição visto que qualquer ser humano é dotado geneticamente da capacidade de adquirir uma língua por ser esta um

sistema de fácil domínio por qualquer falante que a tenha como língua materna, como assegura Bagno: (op. cit, p.36)

“...toda e qualquer língua é fácil para quem nasceu e cresceu rodeado por ela! Se existisse língua “difícil”, ninguém no mundo falaria húngaro, chinês ou guarani, e no entanto essas línguas são faladas por milhões de pessoas, inclusive criancinhas analfabetas.”

Possenti, professor de Lingüística da Unicamp, discorre sobre o mesmo tema em *Por que (não) ensinar Gramática na escola* (1996:26). O autor assegura, baseado em estudos científicos, que todas as línguas são estruturadas com a mesma complexidade e, portanto, são equivalentes quanto ao grau de dificuldade para estudá-las. Classificar uma língua como “difícil” é, no ponto de vista do autor, uma atitude equivocada e preconceituosa:

“Da mesma maneira, hoje sabemos que todas as línguas são estruturas de igual complexidade. Isto significa que não há línguas simples e línguas complexas, primitivas e desenvolvidas. O que há são línguas diferentes. Uma análise de qualquer aspecto de qualquer das línguas consideradas primitivas revelará que as razões que levam a esse tipo de juízo não passam de preconceito e/ou de ignorância.”

Esse fato pode ser constatado facilmente ao observar que qualquer criança normal que tenha acesso à linguagem, passa a dominar em pouco tempo

um número finito de regras da língua em contato. A partir daí, a criança será capaz de gerar um número infinito de sentenças baseadas nas regras já internalizadas intuitivamente. Como mostra o mesmo autor no capítulo seguinte, p.30.

“Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. Mais profundo do que esse conhecimento é o conhecimento (intuitivo ou inconsciente) necessário para falar efetivamente a língua. As crianças, por exemplo, não estudam sintaxe de colocação antes de ir à escola, mas, sempre que falam seqüências que envolvem, digamos, um artigo e um nome, dizem o artigo antes e o nome depois (isto é, nunca se ouve uma criança dizer “casa a”, mas sempre se ouvem crianças dizerem “a casa”, (pode até ser que elas digam “as casa”, dependendo do dialeto que falam; pode ser que não gostemos disso; mas temos que reconhecer que, mesmo nesse dialeto do qual eventualmente não gostamos, nunca se dirá nem “casa as”, nem “a casas”, o que não é pouca coisa).

Essa teoria da língua materna e da faculdade universal da linguagem foi defendida por Noam Chomsky em *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso* (1994:23).

“A gramática Universal deve ser vista como uma caracterização da faculdade da linguagem geneticamente determinada. Pode-se encarar essa faculdade como um mecanismo de aquisição da linguagem, uma componente inata da mente humana que origina uma língua particular pela interação com a experiência vivida, ou ainda como um mecanismo que converte a experiência num sistema de conhecimento atingido: conhecimento de uma ou de outra língua.”

Esses estudos comprovam que existe uma capacidade inata de domínio da linguagem presente em qualquer indivíduo e que ela deve ser trabalhada a favor do estudante de língua portuguesa que entra em sala de aula com toda a estrutura de sua língua materna internalizada. Portanto, o ensinamento não pode contradizer aquilo que ele já sabe, mesmo que intuitivamente.

O autor Luiz Carlos de Assis Rocha também apresentou falhas no ensino da gramática em *Gramática: nunca mais – O ensino da língua padrão sem o estudo da gramática* (2002). O professor da UFMG defende o ensino da norma padrão sem a utilização da Gramática em sala de aula, tendo em vista que o excesso de informações presentes nesse método apenas desestimula o aluno na busca de um aprendizado eficaz da língua padrão prestigiada pela sociedade letrada a qual ele pertence.

No trecho abaixo, Rocha (p.45) desenvolve a idéia de que o estudante tem habilidades suficientes para dominar as regras básicas do português padrão desde que tenha um treinamento apropriado para tal.

“É preciso considerar que o adolescente, aos quatorze anos, acumula um grande número de conhecimentos e é capaz de dominar inúmeras habilidades intelectuais. Não é à toa que ele domina com extrema facilidade os meandros da informática, muitas vezes inacessíveis aos adultos, é perito nos jogos de vídeo-game, conhece as sutilezas, as maldades e as nuances de todos os campeonatos de futebol, de Formula 1, e assim por diante. Por que ele não pode ser capaz de dominar a técnica de escrever corretamente, que é uma habilidade

relativamente fácil de ser adquirida no nível de 8º série (não estamos falando do surgimento de grandes vocações literárias, nem no aprendizado da redação de textos jurídicos, jornalísticos, etc., algo que vai surgir com o tempo)? Isso é possível, desde que haja treinamento apropriado e desde que o aluno não perca tempo e motivação com procedimentos inadequados, confusos, iníquos e pouco convincentes. É preciso lembrar que o aluno passa oito longos anos – no mínimo lendo e escrevendo na escola, não só na disciplina de Português, como também nas diversas disciplinas e nas outras atividades – além do que ele lê fora da escola (revistas, jornais, impressos, manuais de instrução, propagandas, letreiros, placas, etc.). Se ele termina o fundamental sem saber escrever corretamente, a culpa cabe certamente ao PP¹ e aos métodos de ensino que são, em sua maioria, ineficientes.”

Mais uma vez, os métodos adotados e a postura do professor de português são questionados. Assim como Bagno, Rocha exalta a capacidade intelectual do aluno e defende uma adequação nos procedimentos utilizados em sala de aula.

É importante ressaltar, porém, que Rocha assume uma posição diferenciada dos autores mencionados anteriormente ao defender que o conteúdo da gramática é tão contraditório e exagerado que deveria ser, não apenas reformulado como sugerem Perini e Bagno, mas sim eliminado dos bancos escolares. Ele afirma também que não é possível estudar apenas o essencial da teoria gramatical na tentativa de solucionar o principal problema do ensino, pois os assuntos gramaticais estão interligados entre si.

¹ Abreviação dada por Luiz Carlos de Assis Rocha para denominar “Professor de Português”

À primeira vista, a proposta de Rocha parece radical e utópica diante do método adotado durante anos por todos os educadores da disciplina. Contudo, o autor afirma que o uso da gramática não contribui para o desenvolvimento da função principal do professor de língua portuguesa que é a de capacitar os estudantes de ensino fundamental e médio a dominar a norma padrão do idioma falado em seu país e que por esse motivo seu uso deve ser substituído por uma técnica de treinamento específica que se assemelha ao treinamento de aquisição da língua natural. Segundo ele (p.94), o conhecimento profundo da língua e de sua estrutura demanda tempo e dedicação e deve ser adquirido apenas por aqueles que têm a língua como objeto de estudo, num nível de graduação, como é caso dos profissionais e estudantes do curso de Letras. Portanto, a atitude do professor em insistir em cumprir o conteúdo programático imposto pela escola, no intuito de passar todo o conhecimento gramatical para o aluno é, na visão do autor, uma atitude improdutiva e inútil:

“Ora, se para aprender a língua padrão não é necessário estudar a gramática, qual seria a real utilidade de se aprender gramática no curso fundamental? Cremos que nenhuma. O tempo precioso que se gasta nas aulas de português para se estudar a teoria gramatical deveria ser aplicado em atividades muito mais práticas, úteis e compensadoras para os alunos, como veremos. É por isso que consideramos que o ensino da gramática na escola é prejudicial ao aluno.”

Diante das diversas teorias e proposições expostas, percebe-se que a conduta tradicional tem sido responsável pela crescente aversão, por parte do aluno, ao estudo da Língua Portuguesa, além de contribuir para a queda da qualidade do ensino como um todo, já que as habilidades de leitura e escrita são pressupostos básicos para o bom desenvolvimento das demais disciplinas curriculares.

Além disso, a metodologia que apela à memória e estratégias ilógicas é insuficiente no que diz respeito à possibilidade de o aluno usufruir da complexidade do sistema lingüístico. Esses e outros fatores tornam pertinente a proposta unânime entre os autores mencionados de uma reformulação do ensino da língua portuguesa nas escolas que deve ter como objetivo principal o aprimoramento das habilidades de compreensão, reflexão e construção de conhecimento.

Capítulo 2

A realidade prática do ensino da gramática:

Uma pesquisa de campo

Este capítulo baseia-se em uma pesquisa de campo realizada com 100 alunos do 3º ano do ensino médio do Centro de Ensino Médio Ave Branca localizado em Taguatinga Sul, Distrito Federal. Os entrevistados responderam um questionário com oito questões objetivas relativas ao ensino da gramática. (Anexo – p.46)

O objetivo dessa pesquisa foi verificar a opinião dos alunos quanto à eficácia do método de ensino utilizado atualmente nas escolas. Além disso, será confrontado neste trabalho alguns conceitos dos teóricos apresentados no capítulo anterior e a realidade prática do tema na vida escolar dos estudantes.

A primeira questão da pesquisa é baseada no segundo capítulo da obra de Perini *Sofrendo a Gramática* em que o autor afirma que o desejo de encontrar confirmação para as crenças do observador leva a uma descrição da língua falseada. Para comprovar essa afirmação, o autor utilizou como exemplo, dentre outros, o verbo *comer* que é classificado pelas gramáticas como um verbo transitivo porque exige um objeto que lhe complete o significado. Porém, em

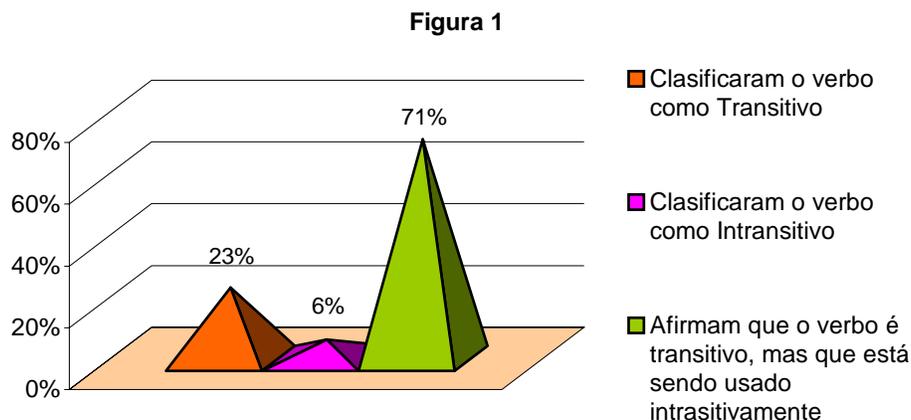
determinadas situações, observa-se que essa classificação é falha pois esse verbo pode não exigir objeto para completar o seu significado em determinadas situações como é o caso da frase (1) utilizada por Perini:

(1) Sônia já comeu.

Analisando os dados da frase (1) verificamos que o sentido da sentença está completo não cabendo, portanto, a classificação deste verbo como transitivo em situações como esta, o que torna a classificação verbal e a definição de transitividade dada pelas gramáticas insuficientes.

Este foi o exemplo usado na primeira questão em que os entrevistados deveriam classificar este verbo de acordo com as seguintes alternativas: Transitivo, Intransitivo ou verbo transitivo usado intransitivamente.

A figura 1 representa o resultado final da questão em referência:



A segunda opção e a menos selecionada das três, ou seja, apenas 6% dos entrevistados a escolheram, mostra que somente uma pequena parcela dos falantes da Língua Portuguesa consegue analisar a classificação dos termos de acordo com o uso efetivo da língua e não apenas com o que é determinado pela gramática. Já a classificação do verbo como transitivo, foi optada por 23% dos alunos. Essa, mais do que todas as outras, comprova a força que a gramática tem para uma boa parte dos falantes da língua que desprezam seu uso efetivo em função das definições gramaticais muitas vezes incoerentes como afirma Perini ao referir-se ao assunto, p.21:

“Mas, e se o observador não for imparcial? E se já tiver colocado na cabeça que o “certo” da língua está nas gramáticas e não no uso dessa mesma língua? Repete-se a velha história: a observação dos fatos é desprezada, em favor de uma ilusória confirmação de expectativas preestabelecidas.”

De acordo com Perini, a resposta mais freqüente para o caso é dizer que o verbo é transitivo, mas que na frase está sendo usado intransitivamente. Esse foi o resultado obtido na pesquisa em que 71% dos entrevistados reconhecem a forma diferenciada assumida pelo verbo, mas se recusam a contradizer as normas estabelecidas pela gramática. Para o autor, essa resposta não faz sentido e fundamenta sua opinião. (p.20)

“quando dizemos que um verbo é transitivo, mas que “nesta frase ele é intransitivo (ou é usado intransitivamente)”, estamos caindo em contradição. Isso porque para um verbo ser transitivo é necessário apenas que ele seja “usado intransitivamente” nas frases da língua. Afinal de contas, como foi que o primeiro gramático descobriu que certos verbos são transitivos? Deve ter examinado frases e chegado à conclusão (certa ou errada) de que alguns verbos apareciam *sempre* com objeto direto; deu a esses verbos o nome de “transitivos”. Daí, dizer que um verbo transitivo está sendo usado intransitivamente equivale a dizer que um verbo que é sempre usado transitivamente está sendo usado intransitivamente. Faz sentido?”

A segunda questão trata da utilização da norma padrão da língua portuguesa na linguagem oral adotada pelos falantes. Ela foi baseada no capítulo 4 da mesma obra utilizada para elaboração da questão anterior. De acordo com Perini, existem tantas diferenças entre a língua escrita e a língua falada que não podem ser classificadas como sendo a mesma língua e dá a elas os respectivos nomes: Língua Portuguesa e vernáculo brasileiro, sendo esta última a mais desprezada das duas, p.36:

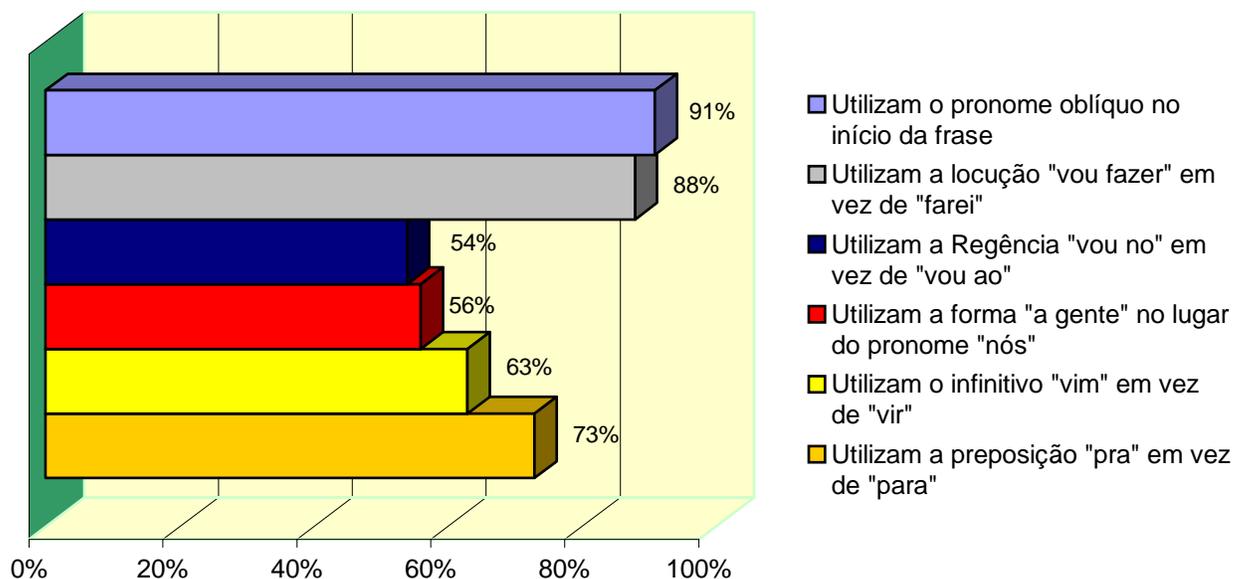
“Vamos chamar a língua falada no Brasil de vernáculo brasileiro (ou, para abreviar, simplesmente *vernáculo*). Assim, diremos que no Brasil se escreve em português, uma língua que também funciona como língua de civilização em Portugal e em alguns países da África. Mas a língua que se fala no Brasil é o vernáculo brasileiro, que não se usa nem em Portugal nem na África.”

A partir dessa definição foram utilizados alguns exemplos apresentados pelo autor para comprovar que a língua escrita está cada vez mais distante da língua falada e que isso dificulta o aprendizado dos estudantes da língua materna. A questão continha seis pares de sentenças em que o aluno deveria escolher para cada par, aquela que ele comumente utiliza para comunicar-se oralmente. Segue abaixo as questões utilizadas na questão:

- | | |
|---------------------------------|-----------------------------|
| 1- () Vou pra festa | () Vou para a festa |
| 2- () Ele deve vim hoje | () Ele deve vir hoje |
| 3- () A gente precisa ler mais | () Nós precisamos ler mais |
| 4- () Vou no banheiro | () Vou ao banheiro |
| 5- () Vou fazer o exercício | () Farei o exercício |
| 6- () Me machuquei ontem | () Machuquei-me ontem |

Conforme mostra o quadro abaixo, a maior parte dos alunos admitiram que não utilizam a norma padrão na sua vida cotidiana. Esse resultado torna plausível a polêmica proposição de Perini com relação ao assunto que define o vernáculo brasileiro como a maior língua ágrafa do mundo.

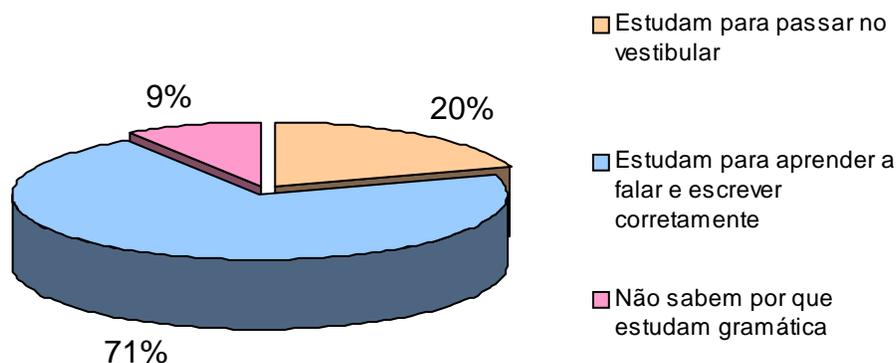
Figura 2



Segundo o autor, as diferenças são tantas, a ponto de, em certos casos, impedir a comunicação e por esse motivo é necessário que se compreenda que não é possível determinar uma ou outra como mais correta, pois cada uma tem função diferenciada dentro do universo comunicativo do falante.

A pergunta: "Por que você estuda gramática?" intitulou a terceira questão do trabalho baseada em teorias apresentadas por Mário A. Perini, Luiz Carlos de Assis Rocha e Marcos Bagno e tem o objetivo de verificar a importância do estudo da gramática na visão dos estudantes. O resultado comprova o que já havia sido verificado pelos autores descritos (figura 3):

Figura 3



De acordo com o gráfico é possível concluir que a maioria dos estudantes acreditam que o estudo da gramática os capacitarão a falar e escrever corretamente. Para Perini, esse também é o motivo que os professores adotam para defender a presença da gramática no currículo escolar, mas como ele mesmo afirma (p.50), “não existe um grão de evidência em favor disso; toda evidência disponível é em contrário.” Na opinião do autor, esse objetivo da disciplina está mal colocado e contribui para que o ensino da gramática se torne inutilizado em sala de aula:

“Voltemos ao ponto principal: os objetivos dessa disciplina estão mal colocados. Quando justificamos o ensino da gramática dizendo que é para que os alunos venham a escrever (ou ler, ou falar) melhor, estamos prometendo uma mercadoria que não podemos entregar. Os alunos percebem isso com bastante clareza, embora talvez não o possam explicitar; esse é um dos fatores do descrédito da disciplina entre eles”

Em *Preconceito Lingüístico*, Marcos Bagno definiu a declaração “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” como um mito que atinge a grande parte dos falantes da língua portuguesa. Segundo Bagno, a gramática tornou-se um instrumento de poder e de controle devido a uma inversão de sua realidade histórica. Daí o surgimento de mitos como o citado acima que equivocadamente caracterizam a língua como subordinada e dependente da gramática.

Para Rocha, o objetivo geral do falante é usar a língua para comunicar-se de forma clara, não havendo necessidade do uso de regras gramaticais, (p.88):

“O falante comum usa a língua, via de regra, como um meio de comunicação, de informação ou de expressar seus sentimentos, sendo raras as vezes em que se volta para as questões metalingüísticas.”

Na página 89, Rocha também reconhece que o domínio da escrita não está relacionado com o domínio das normas gramaticais:

“Na verdade, são raros os alunos que sabem gramática, mesmo que escrevam bem. Por outro lado, tudo indica, com relação aos alunos que não escrevem satisfatoriamente, que a sua deficiência não está relacionada com o fato de não saberem gramática. O aluno escreve mal, não é porque não saiba gramática, mas porque apresenta outro tipo de deficiência, como, por exemplo, o fato de não ter uma orientação adequada com relação à prática da escrita.

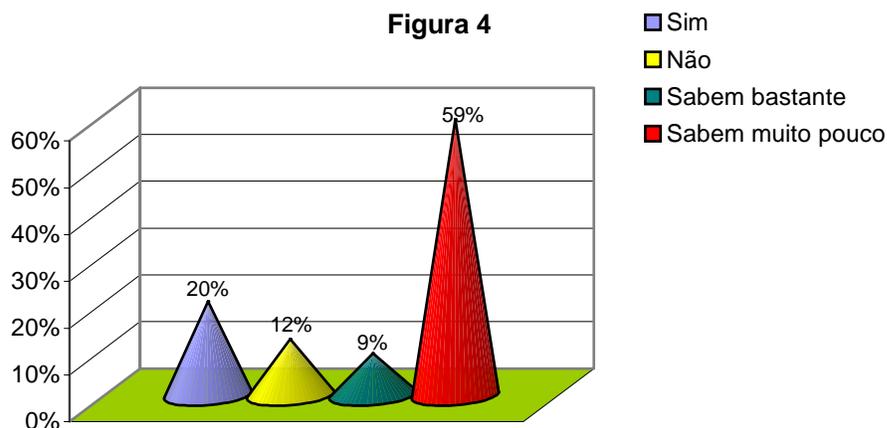
Ainda nessa obra, Rocha avalia a real necessidade do estudo da gramática para obter-se êxito em provas de vestibulares, conteúdo da primeira alternativa da questão. De acordo com o autor, os vestibulares atuais estão exigindo muito mais o conhecimento do mundo e a visão crítica que o aluno tem dele do que o conhecimento gramatical adquirido em sala de aula, p.109:

Os vestibulares nas grandes Universidades, principalmente nas públicas, têm exigido, cada vez menos, questões relacionadas com gramáticas. Como se sabe, essas universidades, devido ao seu inegável prestígio, têm sido as balizadoras que norteiam e orientam os exames vestibulares das instituições particulares. Sem se esquecer do conhecimento objetivo, observa-se que, nos últimos tempos, o que tem sido exigido do candidato ao curso superior está muito mais relacionado com a sua capacidade de reflexão, raciocínio e crítica, cobrando-se dele uma postura avaliativa perante os mais diversos problemas. Com relação ao Português, o que se espera dele é a capacidade de acesso à informação – indispensável no mundo contemporâneo -, através da interpretação dos mais variados tipos de texto, bem como o conhecimento de algumas modalidades de língua e o domínio da variante reconhecida como padrão.”

A última alternativa da questão, apesar de ter sido optada por uma pequena minoria dos examinados, mostra que ainda existem alunos que sequer sabem o motivo que os levam a estudar gramática. Esse reconhecimento é, sem dúvida, preocupante, partindo do princípio que qualquer atividade requer um estímulo inicial para que o resultado final seja satisfatório.

Como pode ser observado nessa questão, os objetivos do estudo da gramática devem ser revistos pelos profissionais da área e melhor esclarecidos para os estudantes a fim de que essa disciplina não gere aversão ao estudo do idioma ou insegurança à expressão livre e autêntica dos falantes da Língua Portuguesa.

Com relação à questão nº 4 em que os alunos deveriam responder à pergunta “Você sabe gramática?” temos:



Para Perini, todos têm o conhecimento da gramática internalizada, ou seja, o conhecimento implícito da língua adquirido naturalmente e que não requer nenhum tipo de estudo específico para se dominar a técnica. Porém, quando se fala em “saber gramática” ou “saber português” as pessoas imediatamente vinculam a questão ao conhecimento científico que se tem da língua e a

capacidade de refletir conscientemente sobre o seu funcionamento. Por esse motivo, raras são as pessoas que se atrevem a dizer que sabem gramática, mesmo usando com pleno domínio e naturalidade as regras contidas nela.

Esse fato pode ser comprovado por meio desta questão em que apenas 29% dos alunos entrevistados consideram-se bons conhecedores das regras gramaticais. Por outro lado, a maioria, ou seja, 71% dos alunos admitiram que não sabem ou que sabem muito pouco dessa disciplina a qual passaram anos de sua vida estudando.

Para Perini, essa convicção generalizada de que “ninguém sabe gramática” tem raízes na forma em que o ensino da língua tem sido transmitido aos seus falantes. O autor afirma ainda que esse fato é comparável a uma doença grave que aflige a disciplina e que algo de errado está acontecendo, p.48:

“ O aluno de terceiro ano primário já está estudando as classes de palavras e a análise sintática – e não sabe. Ao chegar ao terceiro colegial, continua estudando a análise sintática e as classes de palavras – e continua não sabendo. Um professor de português, mesmo que de colegial, não pode entrar na sala esperando que os alunos dominem a análise sintática, ou possam distinguir uma preposição de um advérbio, sob pena de graves decepções. Eles estudam esse assunto há oito anos, às vezes mais! Decididamente, alguma coisa está *muito* errada”

De acordo com Sírio Possenti em *Por que (não) ensinar gramática na escola*, ensina-se a língua materna nas escolas como se ensinasse uma língua estrangeira, esquecendo-se de que o falante já tem um conhecimento inato altamente elaborado de sua língua e, por esse motivo, a maior parte do tempo é desperdiçado com aquilo que o aluno já sabe, não sobrando tempo, portanto, para trabalhar o conteúdo realmente significativo, inteligente e novo.

Segue abaixo, uma passagem da obra de Possenti que exemplifica a visão negativa do autor com relação ao método adotado atualmente para avaliar o conhecimento da língua, p. 32:

“A escola recebe alunos que já falam (e como falam, em especial durante nossas aulas!...) Se as línguas e dialetos são complexos e se os falantes o conhecem, já que os falam, então os falantes, inclusive os alunos em início de escolarização, têm conhecimento de uma estrutura complexa. Portanto, qualquer avaliação da inteligência do aluno com base na desvalorização de seu dialeto (isto é, medida apenas pelo domínio padrão e/ou da escrita padrão) é cientificamente falha.”

Como pode ser observado, a sabedoria gramatical oculta de cada indivíduo é desvalorizada em função da imposição do domínio das regras gramaticais como pressuposto básico para conhecimento do funcionamento da linguagem. Por sua vez, o método utilizado não contribui no alcance desse

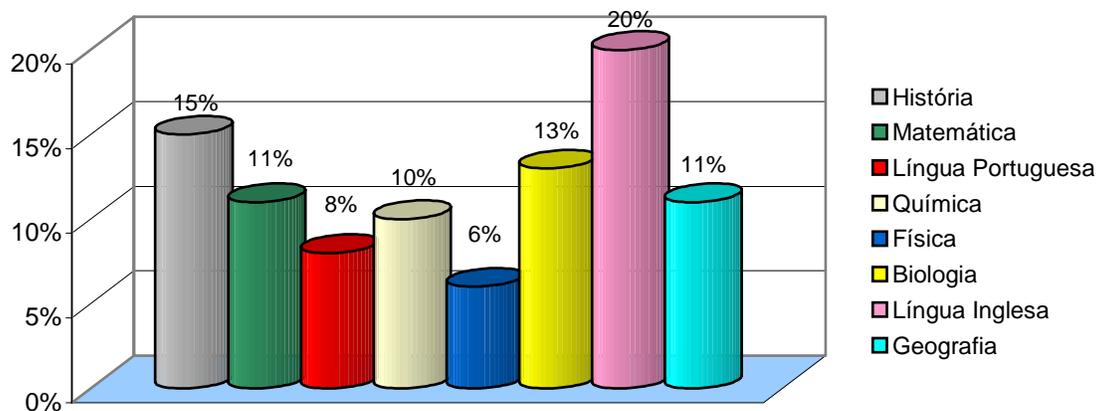
domínio e os falantes se tornam inseguros em relação ao conhecimento de sua língua materna.

A questão nº 5 tem o objetivo de verificar se a disciplina de Língua Portuguesa é mesmo uma matéria que poucas pessoas se interessem, como garante o autor de *Sofrendo a Gramática*.

Dentre oito disciplinas comuns do currículo escolar, o aluno deveria selecionar aquela que ele mais gostasse.

O resultado revelou que apenas 8% dos alunos classificam a disciplina de Língua Portuguesa como predileta entre as demais. Enquanto isso, 92% dos entrevistados negam essa preferência e garantem que outras matérias são mais interessantes que o estudo da gramática, como mostra a figura 5:

Figura 5



Segundo Perini, a disciplina de Língua Portuguesa é a disciplina que menos agrada os estudantes e isso não se justifica pelo seu grau de dificuldade, pois há outras matérias tão difíceis ou até mais difíceis que o estudo da gramática e nem por isso são tão recriminadas quanto ela é (p.47):

“Outras disciplinas há que são tão ou mais difíceis, como por exemplo a matemática e a química e, para alguns, a história. Mas nenhuma suscita reações tão violentas como a gramática; parece fácil aceitar que alguém seja matemático, geógrafo, especialista em cogumelos ou grande autoridade na fisiologia dos morcegos, mas um gramático é uma pessoa que todos consideram excêntricos ou coisa pior.”

A passagem acima colabora com o resultado desta questão na qual fica comprovado que a Língua Portuguesa não é uma disciplina apreciada pela maioria dos estudantes. Além disso, é importante destacar que, de acordo com a pesquisa, a Língua Estrangeira é melhor aceita entre os alunos do que a própria língua materna. Esse fato demonstra que o problema não pode ser definido como uma dificuldade natural do sistema lingüístico, já que as duas disciplinas tratam-se do estudo de línguas.

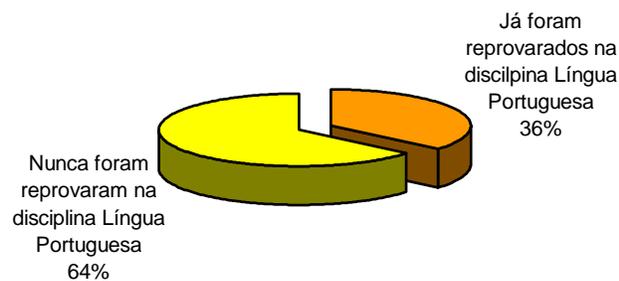
O que acontece nesse caso se esclarece na passagem abaixo em que Possenti afirma que um dos problemas das aulas de português está em ensinar ao aluno aquilo que ele já sabe como se ensinasse uma língua estrangeira:

“Porque temos que “começar do começo” nas aulas de inglês? Porque nossos alunos não falam inglês? Mas, por que fazemos coisas semelhantes nas aulas de português, se os alunos falam português o tempo todo? Não seria melhor ensinar-lhes apenas o que não sabem?”

Na questão nº 6, o aluno deveria responder a pergunta: “Durante a sua vida escolar você já foi reprovado na disciplina de Língua Portuguesa?”.

De acordo com o resultado temos:

Figura 6

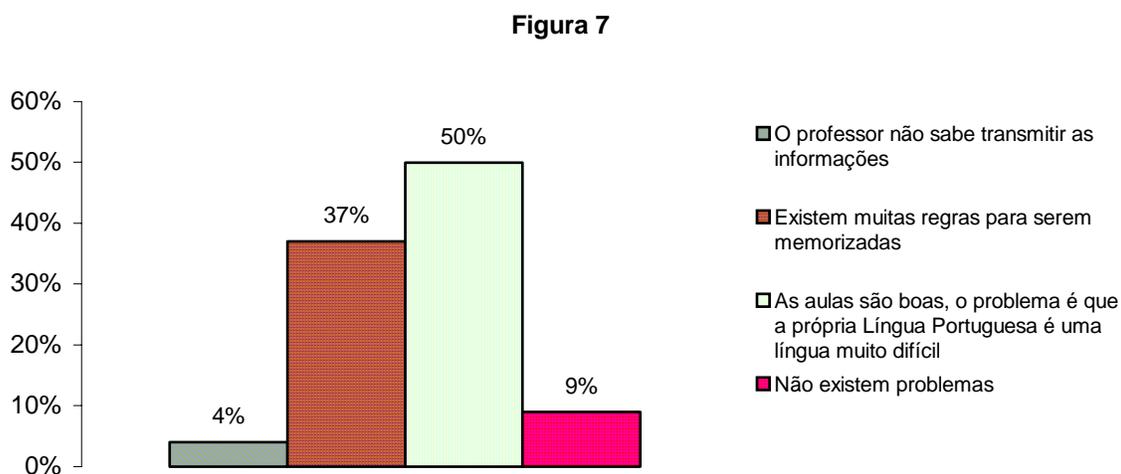


Como mostra a Figura 6, 36% dos entrevistados já foram reprovados na disciplina Língua Portuguesa, enquanto 64% nunca passaram por essa experiência.

A conclusão de que os alunos não sabem gramática obtida com o resultado da questão nº 4 e que a disciplina não é a favorita entre eles, como visto na questão 5, revela que existem falhas relacionados ao ensino da disciplina. Porém, esta questão mostra que a reprovação ainda não é o maior problema enfrentado pelos estudantes em frente a essas falhas.

A penúltima pergunta do questionário teve como objetivo identificar as possíveis causas dos problemas que afetam a disciplina do ponto de vista dos estudantes. Para isso foi apresentada a seguinte sentença: “Qual o maior problema que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?”

As respostas são explicitadas de acordo com o gráfico abaixo:



Como pode ser observado, a maior parte dos entrevistados acreditam que a complexa estrutura da Língua Portuguesa dificulta o seu aprendizado. A alternativa selecionada por 50% dos alunos foi baseada no mito nº 3 do livro *Preconceito Lingüístico* de Marcos Bagno. De acordo com o autor, aquele que acredita que o Português é muito difícil está equivocado, pois todo nativo de uma língua sabe aplicar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela. O que o falante não sabe na maioria das vezes é utilizar regras gramaticais impostas como “formas corretas” e que estão completamente distantes da realidade oral e escrita usada pelo indivíduo, p.35:

“Como o nosso ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem a língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que o “português é uma língua muito difícil”: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar *no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa no Brasil* é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem.”

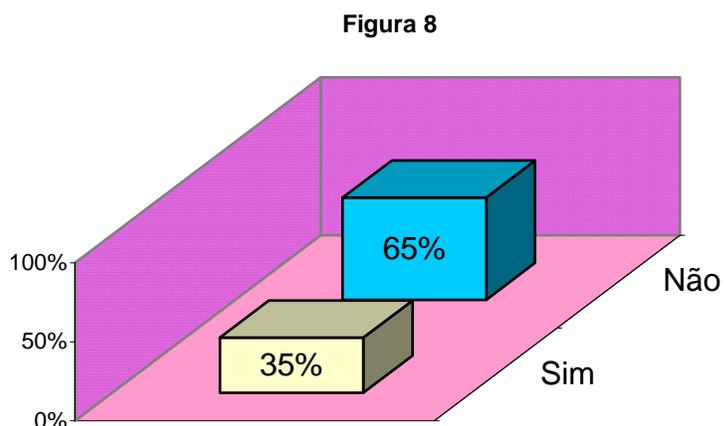
Ainda nesse trecho, Bagno afirma que a dificuldade se instala ao se tentar decorar tantos conceitos e regras gramaticais sem significado prático para os falantes. Essa opinião está de acordo com o que 37% dos alunos definiram como maior falha encontrada no ensino da gramática. Apesar de esta não ter sido a selecionada pela grande maioria dos entrevistados, ela é apoiada pela maior parte dos teóricos que abordaram o tema.

Outro ponto que merece destaque é a autoridade do professor revelada nesta pesquisa. A alternativa que aponta o professor como contribuinte para a ineficácia do aprendizado da língua foi a menos selecionada de todas, perdendo até para a alternativa que afirma que não existem problemas no ensino da gramática. Ou seja, para os alunos, a metodologia do professor não deve ser questionada, pois está baseada numa sabedoria superior o suficiente que o levou àquela posição. E, o caso específico do professor de português é ainda mais delicado, visto que esse profissional possui um domínio raro: o conhecimento da gramática. Um reflexo do que foi colocado pode ser transcrito pelas palavras de Rocha, p.96:

A impressão que se tem é de que os professores de Português têm o costume de “empurrar” para os alunos os diversos conceitos gramaticais, pouco importando se esses conceitos são lógicos, compreensivos, coerentes, etc. Os alunos, pobres coitados, não têm argumentos para contestar a “sabedoria” do professor, mesmo porque lhes foi passado que o aprendizado da gramática é algo sagrado: equivale mais ou menos ao aprendizado da Bíblia. Discordar da gramática, assim como discordar da Bíblia, é um ato de heresia.”

Finalmente, temos a questão nº 8 em que o aluno foi convidado a responder a seguinte pergunta: “Você gosta de estudar gramática?”

Vejamos o resultado:



A pergunta que fecha a pesquisa resume a justificativa do trabalho como um todo. O resultado comprova que a maior parte dos estudantes não gostam do estudo gramatical o qual são submetidos a estudar durante anos de sua vida na tentativa de aprender a falar e escrever corretamente, passar no vestibular, ser aprovado na série em curso, dentre outros. Esses objetivos, porém, na maioria das vezes não são alcançados por motivos já explicitados anteriormente, o que causa frustração por parte do estudante e rejeição à própria língua.

A reformulação no ensino da gramática é uma necessidade notória conforme foi visto nesta pesquisa. Vários autores propõem em seus trabalhos mudanças que visam melhorias para o mal que aflige a disciplina.

Dentre as sugestões existentes, temos a proposta de Mário A. Perini que será apresentada no próximo capítulo.

Capítulo 3

Uma proposta de Reformulação segundo Mário A. Perini

Após a comprovação prática da existência de falhas no ensino da gramática verificada no capítulo anterior, será abordado neste capítulo a proposta de Mário A. Perini em *Sofrendo a Gramática* para a melhoria do funcionamento da disciplina.

O autor começa pelo diagnóstico, afirmando o que está errado com o ensino da gramática e apresenta os três defeitos que a inutilizam enquanto disciplina. À medida que expõe esses defeitos, Perini propõe as possíveis mudanças que poderão contribuir para um melhor aprendizado da língua.

Seguem abaixo os três defeitos identificados pelo autor:

- 1º - Os objetivos estão mal colocados
- 2º - A metodologia adotada é inadequada
- 3º - A matéria carece de organização lógica

O primeiro defeito identificado está relacionado à terceira questão da pesquisa constante no segundo capítulo deste trabalho. Para o autor, o estudo da gramática não é um dos melhores meios de se aprender a ler e escrever melhor;

esse domínio é adquirido por meio de práticas constantes como é feito pelos grandes escritores.

Perini acredita que todas as disciplinas têm uma função fundamental na formação intelectual do indivíduo, independente da futura opção profissional que ele irá escolher. Por esse motivo é importante identificar o objetivo principal de cada uma e trazê-la para a realidade do aluno como um fator motivador e essencial para o seu aprendizado.

No caso da Língua Portuguesa, o objetivo deve ser semelhante ao de outras disciplinas como a Biologia que revela alguns aspectos da estrutura e do funcionamento dos seres vivos e a Geografia que revela mais informações sobre o planeta em que se vive, ou seja; o estudo da gramática deve servir para que o aluno tenha um conhecimento maior sobre a linguagem e não para solucionar problemas práticos como ler ou escrever melhor.

Para argumentar o segundo defeito, o autor explica que o aluno tem o direito de fazer qualquer pergunta baseada na aula que está sendo ministrada, assim como o professor tem o dever de responder aos questionamentos que venham a ser feitos por seus alunos. Contudo, as respostas elaboradas não devem servir como uma imposição do certo e do errado, mas sim uma explicação que esteja de acordo com o que se observa na realidade.

Em outras palavras, o professor de português não deve dar respostas do tipo: *é assim que é o certo*, justificadas apenas pelo fato de estarem assim registradas na gramática. Essa atitude inadequada contribui para que a disciplina se torne apenas uma série de ordens a serem obedecidas causando um desinteresse generalizado.

Em concordância com a percepção de Perini, o professor de Lingüística da Universidade Estadual de Feira de Santana, Gutemberg Barbosa afirma que ensinar essa disciplina baseando-se apenas nas prescrições da gramática normativa para estabelecer o que é certo e o que é errado na língua é uma atitude excludente, como pode ser visto na passagem abaixo retirada de seu artigo *O erro em língua portuguesa - uma questão de atitudes* (p.56):

Para a escola, a língua é somente o que está na GN, ou melhor dizendo, a GN é a língua. Tal conceito, sem exageros, além de ser excludente, é absurdo para ser difundido pela escola que, formadora de cidadãos (ou pensando ser), permanece num insistir contraditório do seu papel. E esse papel deveria ser, nesse sentido, o de tornar o aluno um sujeito da ação de pensar a própria língua, não de decorar formas prontas e acabadas.

Para Perini, assim como um professor de biologia não determina como deve ser a natureza, não cabe ao professor de gramática determinar como deve

ser a língua portuguesa. Para que isso aconteça o professor deve ensinar a seus alunos as formas da língua que estão em uso efetivo. Além disso, o professor deve diferenciar com clareza as formas usadas em textos escritos (do tipo mais conservador) e as usadas pela maioria dos falantes e escreventes.

Com relação ao terceiro defeito, o autor defende sua proposição afirmando que as gramáticas escolares não são organizadas de maneira lógica, o que gera insegurança e inviabiliza o aprendizado.

Para demonstrar algumas das várias contradições e incoerências existentes, Perini apresenta a definição de sujeito encontrada nas gramáticas:

Sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração.

Na visão do autor, a definição acima é clara, mas em outras passagens a própria gramática não respeita a definição, como é o caso do sujeito indeterminado:

“Algumas vezes, o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos então, que o sujeito é indeterminado.”

Como pode ser visto, a definição acima contradiz o conceito dado anteriormente pelos mesmos gramáticos, ou seja, de acordo com a definição, o sujeito indeterminado deveria ser assim caracterizado quando não se sabe sobre quem se faz a declaração, e não quando se desconhece quem executa a ação. Os autores, porém, ignoram a contradição gerada pela falta de lógica e iniciam um novo assunto.

Mais a frente, Perini apresenta mais dois exemplos retirados da mesma gramática:

(1) Quem disse isso?

(2) Na sala havia ainda três quadros do pintor.

No exemplo 1 o pronome *quem* vem marcado como sujeito, contudo, nessa frase não contém nenhuma declaração na opinião de Perini. Logo, não deveria ter sujeito, segundo a definição dada.

No exemplo 2 a frase é dada como sem sujeito, porém, está sendo feita uma declaração sobre a sala e sobre os três quadros, o que contradiz mais uma vez a primeira definição.

A impressão que se tem nesses exemplos é de que a definição de sujeito varie de frase para frase, ou seja, a gramática dá uma definição a ser aprendida, mas não é possível respeitar essa definição em determinados casos. Na verdade, os gramáticos abordam algo que o sujeito é em alguns momentos, e não sobre o que ele é em essência, dando margem, assim, ao aparecimento de muita contradição.

Esse é um dos motivos pelo qual Perini afirma que as gramáticas escolares não possuem organização lógica e isso dificulta o aprendizado daquele que pretende utilizar a gramática para obter algum conhecimento sobre a estrutura da língua.

Para o autor, é necessário que haja novas gramáticas que estejam mais próximas da linguagem atual e que as suas definições façam sentido, ou seja, que tenham lógica.

Vale ressaltar também que o professor tem papel fundamental nesse processo de reformulação. Respeitar o aluno como autêntico falante de uma língua viva e em constante transformação é o primeiro passo a ser tomado pelos educadores da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de língua portuguesa é tido, por parte de alunos, como uma atividade muito difícil e complexa, fazendo com que haja uma grande concentração de esforços para a memorização de regras que, na prática, não capacita nenhum falante no domínio do desempenho lingüístico. Dessa forma, o ensino de língua materna está diretamente ligado ao ensino da Gramática Normativa que, por sua vez, é repleta de incoerências e contradições que inviabilizam um bom aprendizado.

Nesta perspectiva, os falantes cometem constantemente “erros” considerados inconcebíveis de acordo com a Gramática Normativa e são recriminados pela forma como utilizam a linguagem tornando-se cada vez mais inseguros com relação à sua língua materna.

Vale ressaltar que as regras são necessárias para manter a ordem de uma determinada situação e é papel da escola transmiti-las aos alunos para que adquiram a variedade lingüística exigida socialmente. Contudo, deve-se respeitar a linguagem utilizada pelo aluno e trazê-la como referência de variação lingüística já que, em se tratando de língua, nada pode ser mantido como verdade absoluta e imutável.

O ensino da língua deve ser algo prazeroso, que capacite o aluno a conhecer um pouco mais desse complexo universo da linguagem passivo de ser explicado de maneira racional e contextualizada. A proposta de reformulação do ensino da gramática, no sentido de revisar criticamente o método que vem sendo adotado nas escolas é, portanto, uma oportunidade de possibilitar um aprendizado muito mais produtivo e agradável aos alunos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1999. 148 p.

_____. *Português ou Brasileiro?* Parábola Editorial. São Paulo. 2001.

BARBOSA, Gutemberg Magalhães Oldack. *O erro em língua portuguesa - uma questão de atitudes*. Revista Sitientibus. Feira de Santana, nº 29, p.51-57, julho/dezembro, 2003.

CHOMSKY, Noam. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F.Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português são dois... novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PERINI, A . Mário. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Para uma nova gramática do português*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1986.

POSSETI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado das Letras: 1997.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Gramática: Nunca Mais – O ensino da língua padrão sem o estudo da gramática*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. 314p.

ANEXO

Pesquisa

<p>1) De acordo com a Gramática Normativa, a palavra “comer” é um verbo transitivo, pois exige um objeto para completar o seu significado. Diante dessa afirmação, como poderíamos classificar esse verbo na seguinte oração:</p> <p style="text-align: center;">Sônia já comeu</p> <p>() Transitivo () Intransitivo () É um verbo transitivo, mas nesta frase está sendo usado intransitivamente.</p>	<p>2) Para cada par de sentenças abaixo selecione aquela que você provavelmente utilizaria na fala:</p> <table style="width: 100%; border: none;"> <tbody> <tr> <td style="width: 50%;">() Vou pra festa</td> <td style="width: 50%;">() Vou para a festa</td> </tr> <tr> <td>() Ele deve vim hoje</td> <td>() Ele deve vir hoje</td> </tr> <tr> <td>() A gente precisa ler mais</td> <td>() Nós precisamos ler mais</td> </tr> <tr> <td>() Vou no banheiro</td> <td>() Vou ao banheiro</td> </tr> <tr> <td>() Vou fazer o exercício</td> <td>() Farei o exercício</td> </tr> <tr> <td>() Me machuquei ontem</td> <td>() Machuquei-me ontem</td> </tr> </tbody> </table>	() Vou pra festa	() Vou para a festa	() Ele deve vim hoje	() Ele deve vir hoje	() A gente precisa ler mais	() Nós precisamos ler mais	() Vou no banheiro	() Vou ao banheiro	() Vou fazer o exercício	() Farei o exercício	() Me machuquei ontem	() Machuquei-me ontem
() Vou pra festa	() Vou para a festa												
() Ele deve vim hoje	() Ele deve vir hoje												
() A gente precisa ler mais	() Nós precisamos ler mais												
() Vou no banheiro	() Vou ao banheiro												
() Vou fazer o exercício	() Farei o exercício												
() Me machuquei ontem	() Machuquei-me ontem												
<p>3) Por que você estuda gramática?</p> <p>() Para passar no vestibular () Para aprender a falar e escrever corretamente () Não sei por que estudo gramática</p>	<p>4) Você sabe gramática?</p> <p>() Sim () Não () Sei bastante () Sei muito pouco</p>												
<p>5) Qual das disciplinas abaixo você mais gosta:</p> <p>() História () Matemática () Língua Portuguesa () Química () Física () Biologia () Língua Inglesa () Geografia</p>	<p>6) Durante a sua vida escolar você já foi reprovado na disciplina de Língua Portuguesa?</p> <p>() Sim () Não</p>												
<p>7) Qual o maior problema que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa:</p> <p>() O Professor não sabe transmitir as informações () Existem muitas regras para serem memorizadas () <i>As aulas são boas, o problema é que a própria língua portuguesa é uma língua muito difícil</i> () Não acho que existam problemas</p>	<p>8) Você gosta de estudar gramática?</p> <p>() Sim () Não</p>												

